

Da Gonçalo Velho Cabral à Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada

**Francisco Prata
Nuno Medeiros**
(Alunos do 12º ano)

É por Decreto de 22 de Agosto de 1889, de Emídio Navarro, que são criadas nos Açores (Angra do Heroísmo e Ponta Delgada) escolas técnicas. Em Ponta Delgada, é no dia 1 de Outubro de 1890 que se iniciam as aulas na então Escola de Desenho Industrial Gonçalo Velho Cabral, no número 15, da Rua do Castilho, solar onde nasceu o poeta Antero de Quental.



A propósito da sua inauguração, encontra-se no jornal *Açoriano Oriental*, de 12 de Outubro de 1890, a seguinte notícia:

“4ª Feira, primeiro do corrente, procedeu-se à abertura da Escola de Desenho Industrial, estabelecida na Rua de Castilho.

Acham-se já matriculados 105 alunos, o que mostra evidentemente ter calado bem no espírito dos nossos artistas a grandiosa idea que deu existência áquelle estabelecimento.”

Contrariando os 105 alunos apontados pelo *Açoriano Oriental*, Ione San Bento¹ diz terem sido 163 os matriculados no primeiro ano lectivo da nova escola, vinte dos quais do sexo feminino, tendo esses alunos idades compreendidas entre os 11 e os 20 anos.

Inicialmente, era apenas ministrado o curso de Desenho Industrial, sendo as suas disciplinas Desenho Elementar Ornamental e de Modelação, orientados pelo pintor António Rodrigues da Silva que acumulava o cargo de director.

A Escola encontrava-se, nessa época, dependente da inspecção das Escolas da Circunscrição do Sul, entidade responsável pelo fornecimento do material escolar, e funcionava com dois horários, um diurno com as aulas a terem início pelas 10 horas da manhã e termo às 12 horas, e outro nocturno, das 18:30 às 20:30 horas.

¹ In Ione San Bento, *A Escola Técnica de Ponta Delgada*, pág. 14

No ano lectivo de 1894/95, a Escola de Desenho Industrial abriu com mais um departamento, a oficina de marceneiro entalhador que faz aumentar o número de matriculados, depois de, em alguns anos anteriores, a quantidade de alunos inscritos ter conhecido algum decréscimo.

É em 1896, no final do ano lectivo, que surge a primeira mudança na direcção da Escola. A António Rodrigues da Silva, que é transferido para o Continente, sucede Artur Viçoso May, também um artista que iria fazer parte da Escola nos quarenta anos seguintes, os primeiros 29 como director e os restantes como docente. Eram professores nestes primeiros anos de vida da Escola, Manuel de La Quadra, António Ezequiel Pereira, Francisco Leite Parente, Constâncio Gabriel da Silva, entre outros.

Eschola «Velho Cabral»

Fallou-se e protestou-se muito, quando ahí chegou a noticia de ter sido mutilado este importantissimo estabelecimento de ensino profissional.

Não faltaram clamores na Imprensa, nem a interferencia das Corporações administrativas locais se fez esperar muito.

Representou a Camara Municipal; representou a Santa Casa da Misericordia; representaram os Snrs. Governador Civil e Director da Eschola, e por fim até se recorreu á sollicitude dos representantes em Cortes deste Districto.

De tudo isto parecia natural concluir-se que a iniquidade decretada pelo Snr. Augusto José da Cunha, em detrimento da nossa florecente Eschola, fosse reparada, não já com a ampliação de estudos que se sollicitava, mas pelo menos com a manutenção da officina de obras de talha que fôra sacrificada aos caprichos tolos duma mal intendida economia.

Não succedeu, comtudo, assim.

A questão continua no mesmo pé, e estamos certo de que nada se conseguirá, a despeito da apparente boa vontade com que todos olharam por ella.

E' que o assumpto uão interessa á Politica e tudo quanto não lhe diga respeito morre ao desamparo nas Secretarias do Estado.

Tratasse-se da transferencia dum empregado publico a quem os corrilhos quisessem infligir severo castigo pelo infando delicto de se não ter prestado a subscrever a qualquer imposição immoral; tratasse-se duma graça honorifica para entumescer a óca vaidade dalgum galopim com boa folha de ser-

viços nos annaes eleitoraes— tratasse-se de quejandas politiquices, que já teria o telegrapho trabalhado sem descanso e a estas horas estariam deferidas as pretensões e satisfeitos os altos designios dos politicantes.

A questão da Eschola «Velho Cabral» não é do numero daquellas que possam render votos, nem interessam directamente os *gras-bonnet* da desastrada Politica local. Dahi o abandono a que foi votada e o mallogro que a aguarda, se alguem não tomar a peito a generosa empreza de a ir lembrando de tempos a tempos na Imprensa.

Se as folhas locais, que se ergueram a bradar contra as disposições odiosas da ultima reforma do Ensino industrial, estavam animadas do bom proposito de pugnar pelos interesses deste Districto, offendidos com o golpe vibrado á *Eschola Velho Cabral*, parece-nos que de nenhuma forma poderão evidenciar melhor o seu zelo e sinceridade, que, recomeçando a tarefa encetada no caminho das reivindicções.

E' superfluo e talvez até desnecessario repetir que na *Eschola Velho Cabral* está um dos mais importantes elementos de cultura profissional do nosso meio, que num futuro proximo se patenteará em assignalaveis progressos artisticos.

Mas, que importa? Diga-se a rediga-se essa verdade, que ao cabo de muito porfiar sempre se alcançará alguma cousa, e, quando mais não seja, ficará para sempre notado o beneficio que este Districto ficou devendo ao Ministro das Obras Publicas do actual consulado progressista, na sua memoravel reforma do Ensino Industrial.

Eugenio Pacheco

Em 1898, surge a primeira polémica envolvendo a Escola, por ter sido decidido pelo ministro da tutela encerrar a oficina de Marceneiro Entalhador, criada apenas há três anos e que já contava com 28 alunos inscritos. Isto suscitou, na época, muitas críticas e discussões nos meios culturais e políticos, como se pode ver no Jornal *Preto no Branco*, de 7 de Março de 1898.

É curioso notar que em 1900 a iluminação artificial da Escola é inaugurada com a instalação de bicos de gás, substituídos em 1918 pela energia eléctrica.

É novamente um Decreto, este de 5 de Dezembro de 1918, assinado pelo Ministro Azevedo Neves, que se inicia uma nova era na história da instituição ao determinar a mudança do seu nome para Escola de Artes e Ofícios que duraria apenas 7 anos. Por Decreto de 17 de Março de 1925, a Escola passaria a designar-se por Escola Comercial e Industrial Velho Cabral, sofrendo uma remodelação estrutural, sob a orientação do Dr. Luis Bernardo Leite de Ataíde, um antigo aluno da Escola, embora não tenham sido postos em prática os novos cursos preconizados. No ano lectivo de 1929/30, a Escola muda de instalações, passando a funcionar na Rua Ernesto do Canto nº 40, permanecendo aí até Setembro de 1937.



Quer em 1930, quer em 1931, são criados novos cursos, contudo, mais uma vez, não são implementados.

Em 1936, cessa a direcção de Leite de Ataíde que é substituído, provisoriamente, por Domingos Rebelo e depois por José Glória de Andrade que fica no cargo até 1940, quando é reconduzido ao posto de Director, agora por nomeação, o mestre Domingos Rebelo, um antigo aluno da Escola. Para além de Domingos Rebelo, outras figuras do mundo das artes passaram por esta Escola: os pintores Victor Câmara, Maria da Paz, os escultores Numídio Bessone, Francisco Xavier de Viveiros Costa e o arquitecto Eduardo Read, responsável pelo projecto do actual edifício da Escola Secundária.

Em 1937, já sob a direcção de José Glória de Andrade, a Escola instala-se na Rua do Mercado, nºs 1 e 3, passando a designar-se por Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada.



Em 1942, é empossado no cargo de director Dr. Fernando Raposo de Medeiros, que em 1943, é substituído pelo professor João Augusto de Paiva, que exerce o cargo durante 3 anos.

Durante o seu mandato, o edifício foi partilhado com a Legião Portuguesa e, mais tarde, com o Exército Português, tendo apenas sido destinado exclusivamente aos serviços da Escola a partir de 1944.

De 1946 a 1949 a Escola conhece um novo Director, o Dr. Mário Matos Ramos. Nesta altura a Escola mergulhara numa certa instabilidade ao nível disciplinar e de orientação. É de referir que, com a publicação do Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial, por Decreto 37029, de 1947, se verifica que a frequência escolar, que era de 494 alunos, tende a diminuir devido à exigência de um exame de admissão. Por exemplo, no ano lectivo de 1950/51, a população escolar cifra-se em 275 alunos.

Em 9 de Março de 1949 é nomeado Director o Dr. Carreiro da Costa, cargo que viria a desempenhar até 30 de Setembro de 1949. Com este Director e Professor, a Escola reencontra uma nova dinâmica e orientação disciplinar.

Sucedendo ao Dr. Carreiro da Costa na Direcção da Escola, o Dr. Germano Soromenho Neves exerceu o cargo de Director de 23 de Janeiro de 1950 a 28 de Setembro de 1950, devendo-se a ele a criação de algumas zonas de recreio e a fundação da Biblioteca do Centro do Magistério Primário.

Nos finais do mês de Setembro de 1950, toma posse no cargo de Director da Escola o Dr. Aníbal Cymbron Bettencourt Barbosa, figura dinâmica e empreendedora. Com ele, o Ensino Técnico, iniciado nesta Escola, ganha um novo alento e reforça-se a vertente prática. Durante o seu mandato, iniciam-se em Agosto de 1953, os Cursos Nocturnos de Aperfeiçoamento de Electricista, de Serralheiro e de Comércio, e, no mesmo mês, por despacho ministerial, são criadas as Secções Preparatórias para os Institutos Comerciais e Industriais, que só começam a funcionar no ano lectivo seguinte. Estas inovações fazem aumentar a frequência de alunos que, em 1964, ultrapassa a do Liceu Nacional de Ponta Delgada, sendo o corpo docente já composto por 94 elementos. É ainda o Dr. Aníbal C. Barbosa que promove a Escola Industrial

e Comercial de Ponta Delgada, ao nível das mais altas instâncias. Deve-se, ao seu dinamismo, a aquisição do edifício das Escolas Anexas ao Magistério Primário, bem como do terreno adjacente à Escola, para aumento dos recreios, e das dependências instaladas no rés-do-chão, ocupadas pela Direcção Escolar do Ensino Primário.

O número sempre crescente de alunos faz com que a Escola mude de edifício, uma vez mais, instalando-se, em 1970, na avenida Antero de Quental, antiga Rua do Papa Terra. Este seu passado itinerante ganha, finalmente, estabilidade com a inauguração do actual edifício, construído de raiz e munido de equipamento adequado às exigências do Ensino Técnico. Ganha, assim, nova dimensão a primeira Escola Técnica dos Açores, que abre as portas aos seus alunos no dia 12 daquele ano dando continuidade à vocação predominantemente Técnica e Profissional das suas antecessoras.

(Texto adaptado)